

UM FEMINISMO ATEÍSTA? O ESTUDO DE CHRISTINE OVERALL¹

Anna Júlia Santana Marques Ferreira²

Ricardo Oliveira da Silva³

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) aborda a relação entre feminismo e ateísmo na obra da filósofa Christine Overall como proposição na construção de uma perspectiva conceitual de um feminismo ateísta. O objetivo geral do estudo é destacar o sentido da relação entre feminismo e ateísmo no trabalho de Overall. Em termos específicos o TCC apresenta as abordagens conceituais sobre feminismo e ateísmo. O texto utiliza a abordagem teórica e metodológica da história dos conceitos do historiador Reinhart Koselleck para avaliar a abordagem conceitual de Overall.

Palavras-chaves: Feminismo, Ateísmo, Christine Overall

Introdução

O tema de pesquisa aborda a relação entre feminismo e ateísmo na obra da filósofa e feminista Christine Overall. O objetivo geral deste estudo é analisar o sentido de um ateísmo feminista na obra de Overall, explorando as interseções entre a descrença na existência de Deus e a luta pela igualdade de gênero. Os objetivos específicos incluem explicar os significados de ateísmo e feminismo na bibliografia, assim como o sentido de um feminismo ateísta no trabalho de Overall.

Em termos teóricos e metodológicos nos amparamos na história dos conceitos de Reinhart Koselleck. De acordo com esse historiador, conceitos são palavras carregadas de

¹Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de artigo, apresentado como requisito parcial de nota para obtenção do título de graduada em Licenciatura no Curso de História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina (UFMS/CPNA).

² Acadêmica do Curso de Licenciatura plena em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Campus de Nova Andradina.

³Docente no Curso de Licenciatura plena em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no Campus de Nova Andradina.

sentido. Além disso, “Defendo a hipótese de que todo o conceito é sempre concomitantemente Fato (*Faktor*) e Indicador (*Indikator*). Todo conceito é apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que situa para além da língua” (KOSELLECK, 1992, p. 136). Ou seja, a compreensão dos significados que remetem ao conceito leva em consideração uma realidade extralinguística que lhe é referência.

Na questão da metodologia, Reinhart Koselleck aponta para a possibilidade de analisar os conceitos a partir de uma abordagem que privilegia textos comparáveis. Isso pode ser feito levando em consideração a diacronia presente no conceito. Nesse sentido, é justamente a perspectiva diacrônica que pode avaliar a duração e o impacto de um conceito, assim como das suas respectivas estruturas. Cabe ressaltar, portanto, que os conceitos não são atemporais. Na verdade, eles apresentam, como em camadas, temporalidades distintas, que são capazes de construir “níveis linguísticos”. São esses níveis que evidenciam o processo de ressignificação, quando se recorre ao velho estoque de palavras para expressar o novo.

Reinhart Koselleck ainda frisa sobre a importância da separação analítica entre apreensão linguística e realidade concreta dos fatos. Assim, pode-se perguntar às fontes textuais o que elas indicam em relação à história concreta e que qualidades possuem para co-produzirem histórias enquanto textos. A investigação de um conceito, portanto, não deve ser conduzida exclusivamente ao significado das palavras e suas modificações, ela deve registrar as diferentes designações para os fatos.

Em termos de material de pesquisa para o TCC, além do texto de Overall “Feminismo ateísta”, foram utilizadas outras bibliografias para o trabalho, entre eles: “Breve história do feminismo no Brasil” de Maria Amélia de Almeida Telles, “Breve história do feminismo” de Carla Cristina Garcia, o artigo “Nossos feminismos revisitados” de Luiza Bairros e por fim o livro “Pensamento Feminista Negro, a Parte I - A construção social do pensamento feminista negro” de Patricia Hills Collins.

1ª Parte – Abordagens Conceituais sobre o Feminismo

Falar sobre o feminismo se articula a proposta de reabilitar as mulheres nos planos sociais, políticos e econômicos, e assumir a postura de se indignar com o fenômeno histórico que por muito tempo colocou as mulheres em posição subordinada aos homens. Maria Amelia Telles, em seu texto *Breve História do feminismo no Brasil* (1993) diz que ninguém é oprimido, explorado e discriminado porque quer. A autora aponta que o sistema patriarcal e machista tem privado a mulher de ter seu desenvolvimento pleno e que ele omite a sua contribuição histórica.

Carla Cristina Garcia (2011) diz que, em sentido amplo, pode-se afirmar que sempre que as mulheres criticam o destino injusto que o patriarcado lhes impôs e reivindicam seus direitos, estamos diante de uma ação feminista. Para a autora, o feminismo é uma filosofia que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres; podemos dizer que é um movimento político que questiona as relações de poder, opressão e exploração de um grupo sobre outro e é totalmente contra o poder patriarcal, propondo uma mudança total da sociedade.

Carla Cristina Garcia (2011) aponta quatro conceitos-chaves que a teoria feminista desenvolveu para explicar as relações assimétricas entre homens e mulheres. O primeiro deles seria o androcentrismo, que considera o homem como medida de todas as coisas, o mundo se define em masculino e ao homem é atribuída a representação da humanidade; o segundo seria o patriarcado, que é uma forma de organização política, econômica, religiosa e social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres. O terceiro conceito é o sexismo, conjunto de todos e cada um dos métodos empregados no seio do patriarcado para manter as mulheres em situação de inferioridade, subordinação e exploração sobre o sexo feminino. Um exemplo disso é o modelo de educação por sexos onde as meninas são ensinadas a cozinhar e costurar e os meninos são preparados para trabalhar e ter uma carreira. E por último, mas não menos importante o conceito de gênero, o qual, nas disciplinas das ciências sociais e humanas, o termo "gênero" aborda a concepção da identidade de gênero como uma construção social que se diferencia do sexo biológico. Essa distinção é estabelecida com base na compreensão de que, embora a espécie humana seja dividida em indivíduos do sexo masculino e do sexo

feminino, as características e comportamentos associados à masculinidade e feminilidade são moldados predominantemente pela influência cultural e social.

Luiza Barros (1995), no artigo *Nossos feminismos revisitados*, aponta para duas teorias feministas: a primeira seria o feminismo socialista, que parte de um referencial marxista que analisa a base material da dominação masculina. No entanto, como as categorias feministas fundamentais foram estabelecidas em oposição aos postulados marxistas, seria difícil estabelecer equivalências para conceitos como produção e reprodução, assim como introduzir a análise de temas como sexualidade e socialização de crianças definindo patriarcado não como ideologia, mas como uma estrutura com base material. O segundo conceito de feminismo é o chamado ponto de vista feminista, onde a experiência da opressão sexista é dada pela posição que a mulher ocupa em uma matriz de dominação onde raça, gênero e classe encontram-se em diferentes pontos, já que não existe uma identidade única, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas.

Patricia Hill Collins (2019) na obraem que fala da política do pensamento feminista negro, destaca as opressões compartilhadas coletivamente pelas mulheres afroamericanas, estruturou-se historicamente a partir das dimensões políticas, econômicas e ideológicas. Para a autora, o pensamento feminista negro visa empoderar essas mulheres no contexto onde a injustiça social é sustentada por essas opressões marcadas por um processo de desumanização e de dominação. O objetivo desse processo é fazer com que as pessoas se sintam menos humanas, assim a questão fundamental do pensamento feminista negro é a análise interseccional das opressões raciais e de gênero sobre as mulheres negras na esfera política, econômica e ideológica.

As produções das autoras mencionadas se entrelaçam em um rico mosaico de pensamento feminista que aborda diversas dimensões da luta das mulheres por igualdade de gênero. Maria Amelia Telles, em "Breve História do Feminismo no Brasil," traça a trajetória histórica do feminismo, enquanto Carla Cristina Garcia, em "Breve História do Feminismo," amplia o conceito de feminismo como um movimento político que desafia o poder patriarcal e explora conceitos cruciais, como androcentrismo e sexismo. Luiza Bairros, em "Nossos Feminismos Revisitados," explora as nuances do feminismo socialista e do ponto de vista feminista, considerando as complexas interseções de raça, gênero e classe nas experiências das mulheres. Patricia Hill Collins, em sua obra sobre o pensamento feminista negro, ressalta a importância de uma análise interseccional das opressões enfrentadas pelas mulheres afro-

americanas. Esse entrelaçamento de ideias e perspectivas enriquece o discurso feminista, demonstrando um compromisso com a igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade e a compreensão da complexidade das experiências das mulheres. Esse diálogo revela a diversidade de perspectivas e o compromisso compartilhado com a igualdade de gênero e a justiça social em todas as dimensões da sociedade.

2ª Parte: Christine Overall: o feminismo ateísta

Christine Overall (nascida em 1949) é uma filósofa canadense especializada em teoria feminista e ética aplicada. Ela atualmente ocupa uma cadeira de pesquisa na Queen's University, Canadá. Seus livros incluem *Aging, Death, and Human Longevity: A Philosophical Inquiry*, que recebeu a Medalha Abbyann D. Lynch de 2006 em Bioética, e *Por que ter filhos? O Debate Ético*. Em 1998, ela foi eleita membro da *Royal Society of Canada* e em 2008 foi vencedora do Prêmio de Estudos de Gênero da *Royal Society of Canada* (QUEEN'S, 2023).

Christine Overall, em seu trabalho “Feminismo e Ateísmo”, explora a questão se é preciso ser atea para ser feminista e se o feminismo é ou não é compatível com o teísmo. Ela explica que define ateísmo com base no que o autor Michael Martin chama de “Ateísmo positivo” que é a crença de que Deus não existe, no caso, um ser pessoal onisciente e sumamente bom que criou céus e terra (OVERALL, 2010).

De acordo com a autora (2010), para falarmos sobre o tópico do feminismo e do ateísmo, é preciso entender que não há muita bibliografia sobre o tema. Há sim muitos materiais publicados sobre feminismo e religião, mas sobre o feminismo e o ateísmo há pouquíssimo. Outro aspecto que ela afirma é que precisamos levar em conta quando vamos falar sobre o assunto é que quando as filosofias feministas escrevem sobre religião, elas geralmente não estão interessadas na questão de existir ou não um Deus ou deuses e quais argumentos podem existir a favor dessa existência. Por um lado, parece que quase todas as feministas que se identificam como ateístas, se limitaram a se afastar da prática religiosa, mas sem discutir a relação entre ateísmo e feminismo; já por outro lado, aquelas feministas que não se afastaram dessas práticas tentaram conceber Deus de uma forma não patriarcal, mantendo, assim, o seu feminismo sem serem forçadas a se declararem ateias.

Para Christine Overall, o argumento do mal seria um dos principais argumentos a favor do ateísmo para as feministas, já que é derivado da observação de que as religiões

monoteístas prejudicam as mulheres. Elas foram excluídas da educação durante muito tempo, incluindo a educação religiosa, e a elas foram negadas posições de lideranças dentro das religiões e quando há uma participação, ela é meramente de um papel subordinado, sendo esperado que as mulheres sejam silenciadas nesse contexto e colocando-as sempre em um pedestal como mães e santas, e aquelas que não seguem essa subordinação sendo demonizadas e consideradas fonte do mal que contamina a sociedade.

Esses estereótipos e repressão para com as mulheres, são encarados pelas feministas como uma consequência de uma característica mais fundamental das religiões monoteístas, que seria a perspectiva de Deus como um patriarca divino. Contudo,

[...] o facto indisputável de as religiões monoteístas terem sido historicamente danosas para as mulheres não pode ser indício suficiente, por si, de que o ateísmo positivo está correto e de que não existe Deus no sentido monoteísta tradicional. Por que não? Há dois contra-argumentos possíveis que visam mostrar que os factos aduzidos não são suficientes para constituir um argumento feminista bem-sucedido a favor do ateísmo. (OVERALL, 2010, p. 307)

Esses contra-argumentos que Christine traz são os de que algumas feministas que são simpatizantes ao teísmo, têm levantado questões epistemológicas e ontológicas sobre o conceito canônico de Deus e a relação entre as religiões tradicionais e a vontade de Deus, visando preservar o quão plausível é a crença no divino e a sua consistência nos princípios feministas. O segundo é daqueles que defendem a crença na existência de Deus contra a acusação de que é viciada pela posição subordinada imposta às mulheres com o argumento de que os papéis atribuídos às mulheres são consistentes com a vontade de Deus e com seu plano divino para com o “homem”. Essa seria a posição de fundamentalistas cristãos, judaicos e islâmicos.

Overall (2010) aponta que muitas filósofas e teólogas progressistas reagiram a crítica feminista do papel opressor da religião com o seu Deus patriarcal e tentaram reconstruir a concepção de Deus, declarando a centralidade do gênero reinventando Deus como Deusa, entendendo que Deusa seria uma afirmação do poder, do corpo, da vontade, dos laços e das heranças femininas.

Overall rebate a tentativa de reinterpretar o conceito de Deus como feminino ou andrógino. A primeira objeção é ponderar se as interpretações feministas de Deus que derivam da questão exegética dos textos religiosos, com uma leitura menos sexista e mais simpática às mulheres, têm validade nas escrituras e nos indícios arqueológicos que são considerados sagrados pelos/as crentes. A segunda objeção é baseada nas preocupações

quanto a quem tem o ônus dos indícios, ou seja, a mera conveniência e maior aceitabilidade moral de uma divindade assexista não é suficiente para mostrar que essa tal divindade existe. A terceira objeção é que, ainda que uma ou mais dessas interpretações se justifiquem, na medida em que é defendida a existência do divino, ficam vulneráveis da maior parte dos ataques que se fazem aos argumentos monoteístas e à mercê dos argumentos ateus contra o teísmo tradicional. E, por fim, a quarta, onde algumas feministas levantam a questão de saber se esse Deus feminista não reforça crenças antifeministas, isto é, refletir e reproduzir pressupostos culturais dominantes sobre as mulheres.

Christine Overall mostra que há outra maneira de um teísta defender a crença na existência de Deus contra aquela acusação de que essa crença está viciada pelo mal às mulheres em nome da religião. Essa maneira, seria argumentar que o estatuto e os papéis que são atribuídos às mulheres nessas religiões tradicionais e monoteístas são exatamente como devem ser, ou seja, de acordo com a vontade de Deus, seja lá o que as mulheres sofreram ou irão sofrer, tudo está de acordo com aquele estatuto ou é apenas uma consequência por não serem submissas e obedientes aos mandamentos divinos e em alguns muitos casos, isso é uma “desculpa” para que os homens tratem as mulheres mal por terem a autorização de Deus.

Mas, para Overall, as ateias feministas devem argumentar que as mulheres são pessoas morais e que sabemos que isso é verdade independentemente do que Deus supostamente disse, sendo assim as feministas ateias deveriam adotar a primeira alternativa de um dilema o qual o nomearam de Eutífron: que seriam que os padrões éticos são independentes das vontades de Deus.

As ateias feministas argumentam que não precisamos de Deus para sancionar o ativismo, nem mesmo para o inspirar; este justifica-se por razões que não são teístas. Logo, tanto em termos de eficiência política como de consistência moral, faz sentido não acreditar no Deus monoteísta. (OVERALL, 2010, p. 316)

Christine coloca então que se acreditar no Deus tradicional exige que abandone a igualdade das mulheres enquanto pessoas, então as ateias feministas argumentam que a escolha moral é rejeitar aquele Deus patriarcal das religiões monoteístas, e não a igualdade das mulheres.

Consideração finais

Ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, abordamos a relação entre feminismo e ateísmo na obra da filósofa Christine Overall. O objetivo principal foi analisar o sentido de um feminismo ateu em seu trabalho, a partir das interseções entre a descrença na existência de Deus e a luta pela igualdade de gênero.

Partindo das abordagens conceituais sobre o feminismo, pudemos compreender que o feminismo é um movimento político e filosófico que busca reabilitar as mulheres nos planos sociais, políticos e econômicos, questionando as relações de poder, opressão e exploração moldados pelo patriarcalismo.

Em relação à obra de Christine Overall, ela define o ateísmo como a crença de que Deus não existe, mais especificamente um ser pessoal onisciente e sumamente bom que criou céus e terra. A autora observa que há pouca bibliografia sobre uma reflexão em torno da relação feminismo e ateísmo, e muitas vezes as feministas que se identificam como ateístas não aprofundaram a relação entre essas duas perspectivas.

De acordo com a autora, temas usualmente tratados em estudos que envolvem o ateísmo podem ser enriquecedores para o feminismo. Um exemplo seria o argumento do mal, que destaca como as religiões monoteístas historicamente prejudicaram as mulheres, excluindo-as da educação, negando-lhes posições de liderança e impondo papéis subordinados. Essa opressão é atribuída à perspectiva da interpretação construída sobre Deus como um patriarca divino.

Mas, por outro lado, a reflexão sobre temas presentes no debate feminista pode contribuir para ampliar a possibilidade de significado que o ateísmo pode ter, redimensionando o seu impacto na discussão sobre formas de organização social pautadas em relações de gênero igualitárias.

Embora a reflexão de Overall abra uma janela para um novo olhar em termos de definição do ateísmo e do feminismo, a sua proposta fica como mais uma possibilidade interpretativa, ao lado de outras. Afinal, é fundamental considerar, por um lado, que o feminismo é um movimento diverso, abrangendo uma variedade de perspectivas teóricas e práticas. E, por outro lado, as discussões sobre o ateísmo ainda são incipientes na intersecção com o feminismo.

Referências

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. In: *Revista de estudos feministas*, vol. 03, nº 02, p. 458-463, jul./dez. 1995.

- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.
- KOSELLECK, Reinhart, Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, p. 134-146, 1992.
- OVERALL, Christine. Feminismo e ateísmo. In: MARTIN, Michael (dir.). *Um mundo sem Deus*. Ensaios sobre o ateísmo. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 303-323.
- QUEEN'S, University. Christine Overall, 2023. Disponível em: <https://www.queensu.ca/philosophy/people/christine-overall>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. Introdução. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.